

DANÇA / 2020

CCB

TEMPORADA 20 – 21

ENTRE

**DIANA
NIEPCE**

Dueto

**MARTA
JARDIM**

Travessias

11 / 12 / 13 DEZ

DANÇA / 11, 12 E 13 DEZ / BLACK BOX

DIANA NIEPCE

Dueto

© ALÍPIO PADILHA

MARTA JARDIM

Travessias

© CAROLINA COUTO

APOIOS RELATIVOS A **TRAVESSIAS** DE MARTA JARDIM:

APOIO FINANCEIRO



COPRODUTOR



RESIDÊNCIA DE COPRODUÇÃO



APOIO À RESIDÊNCIA



PARCERIA



BILHETEIRA ONLINE CCB.PT

CCB / TICKETLINE / INFORMAÇÕES / RESERVAS LINHA 1820



APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA A TEMPORADA 2020/2021



DIANA NIEPCE *Dueto*



direção artística e coreografia

Diana Niepce

performers

Diana Niepce, Hugo Cabral Mendes

desenho de luz

Carlos Ramos

som

Jonny Kadaver

figurinos

Silvana Ivaldi

produção

Produções Independentes

residência de coprodução

O Espaço do Tempo

coprodução

Centro Cultural de Belém

apoio

Câmara Municipal de Lisboa/Marvila

DIANA NIEPCE *Dueto*

A arte contemporânea estabelece-se num campo híbrido, de constante investigação e pesquisa, que se manifesta na urgência de mudar o sistema. Esta prática de auto-conhecimento, desenvolvimento, questionamento, estudo e estratégia transporta o trabalho em direcção ao desconhecido, criando, muitas vezes, e através do gesto de provocação que é inerente ao objecto artístico, uma sensação de desconforto.

Na dança isto acontece maioritariamente através do corpo normativo – especialmente corpos homogéneos e convencionalmente atraentes – que discrimina todos os que não se enquadram na norma. Mostrar esta beleza violenta e crua, que diverge da percepção da norma, possibilita a criação de novos padrões de valores estéticos, assim contribuindo para a mudança na forma como nos vemos a nós próprios e ao outro.

De que forma podemos trabalhar as barreiras? De que forma podemos trabalhar o corpo? De que forma especulamos e criamos um estereótipo que não corresponde à realidade?

As opções artísticas e conceptuais aqui tomadas reflectem uma linha de experimentação que, aliada aos limites físicos e sem concessões, criam desconforto pela intimidade extrema a que se propõe.

Acredito que é urgente mudar a visão fascista do corpo performativo, a ideia dos corpos iguais que perdem a sua identidade e etnografia. Interessa-me criar a possibilidade de uma nova visão do corpo, e por consequência, uma nova visão do mundo. Um corpo que não corresponde à norma é por si só um acto político. Dar destaque a este corpo torna possível uma dinamização e nova abordagem do sector da inclusão, apresentando-o como obra em si e não enquanto corpo vítima ou corpo heróico.

Um dos objectivos desta proposta é o de reivindicar a urgência das artes performativas se abrirem à diversidade, de questionarem as políticas de género e identitárias, de promoverem um novo modelo de corpo levando, consequentemente, a uma reflexão social e o subsequente desenvolvimento do pensamento crítico acerca destes temas. A obra propõe-se a promover a ruptura dos dogmas normativos e padronizados do corpo.

DIANA NIEPCE *Dueto*

O corpo revela a sua identidade enquanto manifesto, procura reformular as convenções do vocabulário da dança. Interessa-me reformar os conceitos de inclusão, através da reinvenção da relação do corpo com o mundo. O mundo e o corpo como dispositivos performativos de um activismo assumido que procura espoletar a mudança.

Diana Niepce

(A autora escreve segundo a antiga ortografia)

DIANA NIEPCE

Nasceu em Ovar e estudou na ESAD no Porto. Diana Niepce é bailarina, coreógrafa e escritora. Formou-se na Escola Superior de Dança, fez Erasmus na Teatterikorkeakoulun (em Helsínquia), fez uma pós-graduação em Arte e Comunicação na Universidade Nova de Lisboa, completou a formação CPGA do Forum Dança e é também professora habilitada de *hatha-yoga*. É criadora das peças *Raw a nude* (2019), *12 979 Dias* (2019) e *Dueto* (2020). Enquanto bailarina e *performer*, colaborou com o Bal-Moderne – Companhia

Rosas, Felix Ruckert, Willi Dorner, António Tagliarini, Daria Deflorian, La fura del baus, May Joseph, Sofia Varino, Miira Sippola, Jérôme Bel, Ana Borralho e João Galante, Ana Rita Barata e Pedro Sena Nunes, Mariana Tengner Barros, Rui Catalão, Rafael Alvarez, Adam Benjamin e Justyna Wielgus. Publicou um artigo no livro *Anne Teresa de Keersmaeker em Lisboa* (ed. EGEAC/INCM), o conto infantil *Bayadère* (ed. CNB) e o poema *2014* na revista *Flanzine*. Integrou o júri do prémio Acesso-Cultura 2018 e o júri oficial do festival Inshadow 2018.



MARTA JARDIM *TravessiaS*

conceito, criação e direção artística

Marta Jardim

conceito cénico audiovisual

Marta Jardim

interpretação e cocriação do material artístico

Alice Duarte, Ana Rita Xavier e Marta Jardim

conceção e execução do espaço cénico

P.drujardim

Assistência técnica

Manuel Belo

assistência de ensaios e apoio à produção

Catarina Jacinto

produção

Marta Jardim

apoio à gestão financeira

Magda Bull

comunicação

Carolina Couto

apoio financeiro

Fundação Calouste Gulbenkian_ Novos Criadores – Dança 2020

coprodutor

Cineteatro Louletano

residência de coprodução

O Espaço do Tempo

apoio à residência

Companhia Olga Roriz; Estúdios Victor Cordón,

Companhia Instável e IFICT

parceria

Centro Cultural de Belém

«*Debater-se consigo no mundo*» é o mote para a travessia de uma mulher nua em si. Que procura. Que se procura. Uma mulher que está só e é polvo. Ela é tudo e tudo é parte dela. Uma mulher que se revela, desdobrando-se em múltiplas linguagens e, pondo a descoberto facetas, estados e emoções, baralha-as e combina-as, numa tentativa incessante de se perceber. Joga com as suas perspectivas como se joga a vida!

Essa mulher cruza outra mulher e outra mulher. Essas mulheres estão nuas em si. Procuram. Procuram-se. Estão sós e são polvos. Elas são tudo e tudo é parte delas. Revelam-se, desdobram-se, tentam incessantemente perceber-se. Jogam entre si como se joga a vida.

TravessiaS é um apelo à reflexão sobre a importância do autoconhecimento. Emergindo de uma linguagem plástica mutável, a peça é, no seu cerne, construída sobre a materialização de uma reflexão filosófica em torno do *indivíduo* e da sua *singularidade multipolarizada*.

Daí o guião de uma mulher que explora a sua existência através de um texto sobre si e onde se espelha. Nele mergulha e ao desconstruí-lo descobre novos pontos de vista de si própria. Esta desconstrução é corporal, vocal, imagética e sonora, espacial, progressiva e desconcertantemente convergente. As várias linguagens artísticas e técnicas são produzidas pela mulher «que é polvo», em palco e em tempo real, e resultam numa linguagem de acumulação em ambiente de pesquisa que brinca com o caos e com a acumulação de informação. Dessa mistura nascem as texturas da qual a peça vive, texturas mistas de sentidos, linguagens e interpretações.

Uma mulher que se torna numa *onewomenband*, que se desdobra em tarefas e que cria uma erupção gradual de informação de diferentes proveniências, entrando e saindo de si própria para se observar; uma mulher que não tem mãos a medir ao dispor-se à partilha honesta do seu interior.

Como ela estão outras duas mulheres num processo similar. O que são revela-se nesta desconstrução. E o que são cruza-se em palco, mistura-se, funde-se, dilui-se e destaca-se, espelhando metaforicamente a relação de três mulheres.

Esta podia ser uma peça realista baseada em três percursos pessoais que se cruzam em certos pontos, mas tem todo o tom surrealista de quando se mergulha fundo no interior das intervenientes. Esse despojamento materializa-se numa linguagem comum entre elas, e a partilha está no centro da ação.

Sendo na sua essência uma proposta de acumulação em múltiplos sentidos, fundem-se materiais gravados durante o processo, com materiais criados no momento, procurando criar uma dimensão temporal dinâmica. A cenografia visa ser uma constante metamorfose do espaço-tempo com mudanças subtilmente vertiginosas e onde os adereços de cena são o próprio aglomerado dos dispositivos técnicos funcionais.

Com esta linguagem, torna-se tanto palpável quanto abstrata a proposta de reflexão sobre o autoconhecimento como catalisador da valorização da riqueza da diversidade – no contacto com as nossas múltiplas facetas e no contacto com as múltiplas facetas dos outros. E que tentará fazer ressaltar tantos diferentes mundos quantos a riqueza de ser uma mulher. Esta que é tantas e que é só uma, sendo isso que a faz indivíduo capaz de viver, e ver o mundo e o outro de forma singular.

Marta Jardim

MARTA JARDIM

Marta Reis Jardim (1995) é criadora e intérprete na área das artes performativas, tem desenvolvido trabalho autoral multidisciplinar tomando a dança contemporânea como ponto de partida.

Das suas primeiras criações destaca: *Travessia_solo site-specific* em continuidade, cuja Trajetória2 foi criada no âmbito do Interferências19, Lisboa; Trajetória3 criada para NocNoc19, Guimarães e Trajetória4 integrada no MAISImaginarium2020, Santa Maria da Feira (cancelado Covid19.)

ALUCINAÇÃO26 co-criação com Alice Duarte, com apoio da CML, estreou no Festival Bairro em Festa 2020, Lisboa. *Há Mar e Mar Ocupação* co-criação com Magnum Soares, e *S(C)inestesia*, co-criação com Bruno Alves Como intérprete destaca *Eva Poro#2* e *Dancing* de Madalena Vitorino, *Estação Terminal* da Companhia Limitada, *Aqui* de Filipa Francisco e Bruno Cochat e *Antes que Matem os Elefantes* de Olga Roriz- versão Festival TODOS20.

Como atriz já trabalhou com Júlia Buisel, Francisco Manso, Rui Simões e Fátima Reis.

A SEGUIR 17 E 18 DEZ

Coprodução CCB/Quorum Ballet

DANÇA

QUORUM BALLET

A SAGRAÇÃO DA PRIMAVERA | MADE IN CHINA

coreografia Daniel Cardoso

O espetáculo do Quorum Ballet, tal como a produção original do Ballet Russes, busca romper com a tradição – sendo a tradição aqui a peça musical de Stravinsky e a coreografa a de Nijinsky. A peça é uma viagem inspirada na cultura chinesa através de um olhar ocidental. A principal inspiração para esta criação vem do Exército de Terracota de Qin Shi Huang.



Cartão_Oferta
DOSE CCB®
de ação prolongada

+ info www.ccb.pt

Lembramos as medidas preventivas nos espaços de espetáculos CCB



Obrigatório
usar máscara



Controlo da
temperatura
Máximo permitido
37,8° C



Higienização
obrigatória
das mãos



Siga as instruções
de circulação
(entrada e saída
das salas)



Cumpra o
distanciamento
social de segurança



Proibido gravar
imagem ou som



Desligue
o telemóvel



Proibido
fumar



Proibido
comer
ou beber

#ACulturaéSegura